# SERMÃO DOMINGO DA SEPTUAGÉSIMA

Naquela ocasião, Jesus contou esta parábola aos seus discípulos:

“O Reino dos céus é como um proprietário que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Depois de combinar com eles um denário por dia, enviou-os para a vinha. Saindo por volta das três horas, encontrou outros que estavam ociosos na praça e disse-lhes: ‘Vão vocês também para a vinha, e eu lhes pagarei o que for justo’. Saiu duas vezes, por volta das seis e das nove horas, e fez o mesmo. Finalmente, por volta das décimas primeiras horas, saiu e viu outros que estavam parados sem fazer nada e lhes perguntou: ‘Por que vocês estão aqui ociosos o dia todo?’ Eles responderam: ‘Porque ninguém nos contratou’. Ele disse-lhes: ‘Vão vocês também para a vinha’”. Ao pôr do sol, o dono da vinha disse ao seu administrador: “Chame os trabalhadores e pague-lhes o salário, começando pelos últimos e terminando pelos primeiros”. Então vieram os que foram contratados por volta das décimas primeiras horas e cada um recebeu um denário. Quando chegaram os primeiros contratados, esperavam receber mais. Mas também eles receberam um denário cada um. Ao receberem, murmuraram contra o dono da casa, dizendo: “Estes que foram contratados por último trabalharam apenas uma hora, e já os igualaram a nós, que suportamos o peso do dia e o calor intenso”. Mas ele respondeu a um deles: “Amigo, não estou sendo injusto com você. Você não combinou comigo um denário? Pegue o que lhe pertence e vá. Quero dar a este homem, embora tenha sido contratado por último, o mesmo que dei a você. Não me é permitido fazer o que quero com o meu próprio dinheiro? Ou você está com inveja ou sendo maldoso porque sou generoso?” Assim, os últimos neste mundo serão os primeiros no reino dos céus, e os primeiros serão os últimos. Pois muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.

Estamos no Domingo da Septuagésima, que inicia o Ciclo Pascal do Ano Litúrgico.

Como ultimamente tem havido discussões frequentes sobre a questão da “libertação da Missa Tradicional”, sinto-me na obrigação de esclarecer alguns pontos. Para isso, utilizarei os sermões dos três domingos que antecederam o início da Quaresma.

Antes de mais nada, lembremos que esses artigos e comentários não abordam, de forma alguma, a revogação da Missa Montiniana adulterada. De modo algum! No máximo, defendem o retorno ao desastroso Motu Proprio de 2007, que, em seu primeiro artigo, afirma que o missal conciliar e o missal romano são duas expressões da "lex orandi" da Igreja e não levam a nenhuma divisão da "lex credendi" da Igreja. Tratam-se, na verdade, de dois usos do único rito romano.

Tendo este texto como pano de fundo, recordemos que Dom Guéranger, na sua obra **As Instituições Litúrgicas**, analisa o que denomina *Heresias Anti-litúrgicas*: uma prática constante de todos os hereges ao longo dos séculos, cujo epítome se encontra no Protestantismo, retomada hoje pela Igreja conciliar, cuja Missa nasce do protesto e conduz ao protesto, nasce da heresia e conduz a ela.

Na terminologia de Dom Guéranger, a expressão "*heresia anti-litúrgica*" designa a hostilidade encontrada em todas as heresias próprias em relação à Liturgia Católica.

Esses termos não definem uma heresia específica, mas sim uma tendência constante que impele fatalmente, século após século, todas as escolas heterodoxas, primeiro a transformar a Liturgia da verdadeira Igreja e depois a tentar destruí-la, infiltrando-a com o *genio da destruição*.

Este é, portanto, um resumo da doutrina e da prática da seita anti-litúrgica a respeito da "purificação" do culto que proclamam.

Essas observações abrangem especialmente o período do século XVI ao XIX.

Mas o que chama a atenção é a correspondência de muitos desses princípios com o conteúdo, implícito ou explícito, da constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium* do Concílio Vaticano II, a Nova Missa e todas as reformas precedentes que a precederam.

Refiro-me a todas as reformas precedentes… Lembremos que Annibale Bugnini, *o coveiro* da Missa Tridentina, trabalhava no Vaticano desde 1948… De fato, ele foi membro da *Comissio Piana* (1948-1960) e, posteriormente, Secretário da *Comissão Pré-Conciliar* (1960-1962).

Leiamos, meditemos e retenhamos o ensinamento de Dom Guéranger:

## O Componente Antilitúrgico do Protestantismo

Com a chegada de Lutero, que nada disse que já não tivesse sido dito antes, o objetivo era libertar a humanidade, por um lado, “*da escravidão do pensamento*” em relação à autoridade doutrinária da Igreja; e, por outro lado, “*da escravidão do corpo*” em relação ao poder litúrgico.

Consideramos necessário resumir o caminho percorrido pelos chamados reformadores protestantes ao longo dos últimos três séculos (agora cinco) e apresentar a totalidade de suas ações e sua doutrina sobre “*a depuração do culto divino*”.

Dom Guéranger faz isso em doze pontos, que constituem as principais características da heresia antilitúrgica:

**1º**. A primeira característica da heresia antilitúrgica é o *ódio à Tradição nas fórmulas do culto divino.*

Qualquer sectário que deseje introduzir uma nova doutrina inevitavelmente entra em conflito com a Liturgia, que é a forma mais elevada e sublime da Tradição; e não pode descansar enquanto não silenciar essa voz, enquanto não rasgar as páginas que salvaguardam e transmitem a fé dos séculos passados.

Como o luteranismo, o calvinismo e o anglicanismo se estabeleceram e se mantiveram na Missa? Tudo o que foi necessário foi a substituição dos antigos livros e fórmulas por novos livros e novas fórmulas, onde os Santos Padres e Doutores da Igreja não fossem um incômodo.

Assim, nada impedia os novos doutores; eles podiam pregar livremente, pois a fé do povo estava indefesa.

**2º**. O segundo princípio da seita antilitúrgica consiste em *substituir as fórmulas de estilo eclesiástico por leituras das Sagradas Escrituras*.

Eles encontram duas vantagens nisso: primeiro, silenciar a voz da Tradição, sempre formidável; segundo, um meio de propagar e sustentar seus "dogmas" por meio da negação ou da afirmação.

Por meio da negação, selecionando e silenciando habilmente os textos que expõem a doutrina oposta aos erros que desejam destacar.

Por meio da afirmação, trazendo à luz passagens truncadas que mostram apenas um lado da verdade, ocultando o outro dos olhos dos fiéis.

Essa preferência demonstrada por todos os hereges pelas Sagradas Escrituras em detrimento das definições eclesiásticas não tem outra razão senão a facilidade com que podem fazer a Palavra de Deus dizer o que quiserem, destacando-a ou ocultando-a conforme necessário.

**3º**. Visto que as Escrituras nem sempre se alinham com seus propósitos como desejam, seu terceiro princípio é *fabricar e introduzir fórmulas diversas* (novas), repletas de perfídia, pelas quais os fiéis são ainda mais firmemente presos ao erro, e todo o edifício da reforma ímpia se consolidará por séculos.

**4º**. Não devemos nos surpreender com a contradição que a heresia apresenta em suas obras quando entendemos o quarto princípio ou a quarta necessidade imposta aos sectários pela própria natureza de seu estado de rebelião: *é uma contradição habitual em seus próprios princípios*.

Assim, todos os sectários, sem exceção, começam reivindicando os direitos da antiguidade; desejam libertar o cristianismo de tudo aquilo que o erro e as paixões humanas misturaram, que é falso e indigno de Deus.

Querem apenas o primitivo e pretendem recuperar a instituição cristã desde suas origens. Para esse fim, podam, apagam e derrubam; tudo cai sob seus golpes. E quando esperamos ver o culto divino novamente em sua pureza, nos deparamos com novas fórmulas que datam apenas do dia anterior e são, sem dúvida, humanas.

Toda seita prospera com essa necessidade: ela se encontra entre os monofisitas, entre os nestorianos e em todos os ramos protestantes...

Destaquemos uma característica marcante das mudanças na Liturgia realizadas pelos hereges: em seu frenesi por inovação, eles não se contentam em fazer desaparecer as fórmulas do estilo eclesiástico, mas corrigem e substituem até mesmo as leituras e orações que a Igreja extraiu das Sagradas Escrituras, temendo qualquer vestígio de ortodoxia que possa ter guiado a seleção dessas passagens.

**5º**. Como a reforma da Liturgia tem o mesmo objetivo que a reforma do dogma, da qual é consequência, segue-se que, assim como os protestantes se separaram da unidade doutrinal que recortaram, *eliminaram também todas as fórmulas que expressam qualquer dos mistérios da fé católica*.

Rotularam como superstição tudo o que não lhes parece puramente racional, restringindo assim as expressões de fé e obstruindo, pela dúvida e até pela negação, todos os caminhos que se abrem para o mundo sobrenatural.

Dessa forma, não há mais sacramentos, exceto o batismo, esperando o socinianismo (doutrina antitrinitária, que considera haver apenas uma pessoa em Deus e que Jesus não é Deus), que livrará seus adeptos dele; não há mais sacramentais, bênçãos, imagens, relíquias de santos, procissões, peregrinações etc.

Não há mais altar, mas simplesmente uma mesa; não há mais sacrifício, como em todas as religiões, mas apenas uma refeição; Não haverá mais igrejas, mas apenas um templo, como entre os gregos e romanos.

**6º**. A supressão dos mistérios na liturgia protestante estava destinada a provocar infalívelmente a *extinção de todo o espírito de oração, que se chama unção na liturgia católica*.

Um coração rebelde não tem amor, e um coração sem amor só pode produzir expressões aceitáveis de respeito ou temor, com a esplêndida frieza característica do fariseu, mas nunca um coração ardendo de amor e unção: tal é o culto protestante.

**7º**. Ao lidar nobremente com Deus, a liturgia protestante *não necessita de intermediários criados*. Ela acredita que falta respeito ao Ser soberano ao invocar a intercessão da Virgem Santíssima e a proteção dos Santos.

Portanto, o protestantismo exclui toda aquela "*idolatria papista*", que pede à criatura o que só deveria ser pedido ao Criador.

Por isso, impõe-se um calendário litúrgico sem santos.

**8º**. Visto que a reforma litúrgica tem como um de seus principais objetivos a abolição de atos e fórmulas místicas, segue-se necessariamente que seus autores *devem exigir o uso da língua vernácula nos serviços divinos.*

Este é um dos pontos mais importantes para os sectários. O culto não é algo secreto, dizem eles. As pessoas precisam entender o que estão cantando.

O *ódio à língua latina* está no cerne de todos os inimigos de Roma. Eles veem nela o bem dos católicos em todo o mundo, o arsenal da ortodoxia contra todas as sutilezas do espírito sectário.

**9º**. Ao despojar a liturgia do mistério que diminui a razão, o protestantismo teve o cuidado de não esquecer a consequência prática, ou seja, a *libertação do cansaço e do desconforto* impostos ao corpo pelas práticas da "*liturgia papista*".

Chega de jejum, chega de abstinência, chega de genuflexões em oração; chega de obrigações diárias para o clero de recitar as horas canônicas em nome da Igreja.

Esta é uma das principais formas da grande emancipação protestante: a redução do número de orações, tanto públicas quanto privadas.

**10º**. Como o protestantismo precisava de uma regra para discernir, entre as instituições papistas, aquelas mais hostis aos seus princípios, era necessário examinar os alicerces do edifício católico e encontrar a pedra angular que tudo sustentava.

Seu instinto o levou a descobrir, sobretudo, *o dogma irreconciliável com qualquer inovação: o poder papal.*

Quando Lutero escreveu em seu estandarte: “*Odeio Roma e suas leis*”, ele estava apenas promulgando, mais uma vez, o grande princípio de todos os ramos da seita anti-litúrgica.

Por essa razão, o culto e as cerimônias foram abolidos em massa, por constituírem a idolatria de Roma; A língua latina, o Ofício Divino, o calendário com suas festas, o breviário — em suma, “*todas as abominações da grande meretriz da Babilônia”*, como ele a chamava.

**11º**. A heresia anti-litúrgica, para consolidar seu regime, precisava *destruir, tanto na prática quanto em princípio, o sacerdócio no cristianismo*. Pois pressentia que onde há um pontífice, há um altar; e onde há um altar, há um sacrifício; e onde há um sacrifício, há uma cerimônia misteriosa.

Portanto, após atacar o Sumo Pontífice, era necessário atacar a figura do bispo, de quem emana a imposição mística das mãos que perpetua a hierarquia sagrada.

Daí o vasto “*presbiterianismo*”, que nada mais é do que a consequência da supressão do Sumo Pontífice.

A partir desse ponto, não existe mais um sacerdote propriamente dito: de fato, como pode a mera eleição pela comunidade, sem consagração, constituir um homem santo?

Portanto, no protestantismo só existem leigos. E assim teve que ser, porque a Liturgia desapareceu.

**12º**. Finalmente, com o desaparecimento do sacerdócio e da hierarquia, o príncipe é o único princípio de autoridade entre os leigos e se proclama líder religioso.

Assim, veremos que os reformadores, depois de libertarem a Religião do jugo espiritual de Roma, *reconhecem o soberano temporal como sumo pontífice* e lhe concedem poder sobre a Liturgia, entre outros atributos do “*direito majestático*”.

Os jansenistas e galicanos não levam esses princípios tão longe quanto os protestantes, mas, ainda assim, tentam incluí-los no Missal e, sobretudo, no Breviário.

+++

Todos esses princípios encontram-se na prática atual da Igreja conciliar. Evidentemente, não no mesmo grau e com a mesma clareza…; mas estão lá, guiando toda a reforma.

Que os nove primeiros estão presentes é evidente simplesmente pela leitura deles:

— ódio à Tradição nas fórmulas do culto divino.

— substituição das fórmulas de estilo eclesiástico por leituras da Sagrada Escritura.

— fabricação e introdução de várias (novas) fórmulas.

— contradição habitual dentro de seus próprios princípios.

— eliminação de todas as fórmulas que expressam os mistérios da fé católica.

— extinção de todo espírito de oração, de unção na liturgia.

— exclusão de intermediários criados.

— exigência do uso da língua vernácula nos serviços divinos.

— libertação da fadiga e do desconforto impostos ao corpo pelas práticas litúrgicas.

Que os três últimos sejam encontrados (*ódio a Roma e suas leis, destruição do sacerdócio, reconhecimento do soberano temporal como sumo pontífice)* é demonstrado por um raciocínio simples…

Dom Guéranger elabora sobre as três últimas heresias anti-litúrgicas, que levam à negação da autoridade do Papa, dos Bispos e, logicamente, de qualquer forma de sacerdócio.

Os reformadores de hoje odeiam o Papado. A colegialidade, a sinodalidade e a governança democrática, especialmente por meio de conferências episcopais, enfraqueceram completamente o poder papal.

A supressão do sacerdócio ocorre não por decreto, mas gradualmente, à medida que os sacerdotes se secularizam (total ou parcialmente) até se tornarem indistinguíveis dos leigos; ou, dito de outra forma, os leigos são "transformados sacerdotalmente".

Por fim, o "ecumenismo político" e a "Ostpolitik" do Vaticano visam submeter a religião e o culto aos poderes temporais, sejam eles liberais ou comunistas.

A revolução litúrgica estava praticamente completa; os princípios constitutivos da liturgia haviam sido feridos. A nova liturgia, nascida desses princípios, seria necessariamente didática, evolutiva, democrática, livre e ecumênica.

+++

O problema da liturgia é, acima de tudo, um problema de fé; consequentemente, mesmo que a antiga liturgia se tornasse obrigatória amanhã, isso não bastaria para resolver o problema da crise na Igreja.

É necessário que a verdadeira fé seja proclamada novamente.

Isso nos leva a considerar a relação entre fé e liturgia, o que faremos, se Deus quiser, no próximo domingo.

Compartilhe nossa publicação